



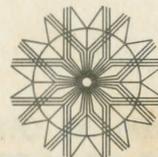
ACOSTINHO NETO

SOBRE A LITERATURA

LUCIO LARA

agostinho neto

SOBRE A LITERATURA
(3.ª EDIÇÃO)



INALD

LUCIV LARA

1977

SOBRE A LITERATURA



SOBRE A LITERATURA

Comentários

O acto é um acto que se realizou a nível da comissão de recepção do Conselho Nacional de Escritores Angolanos.

Como todos conhecemos, a Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos é a máxima assembleia da entidade e tem a honra de reunir todos os membros da entidade para discutir e decidir sobre as questões que se colocam e sobre as decisões a tomar.

Na ocasião, o presidente da União dos Escritores Angolanos, Dr. António Aguiar, fez um discurso de boas-vindas e de encorajamento aos membros da entidade, destacando a importância da entidade para a cultura angolana e para a promoção da literatura angolana.

DISCURSO NO ACTO DE POSSE DO CARGO DE PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL DA UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS, EM 24 DE NOVEMBRO DE 1977

a luta de libertação nacional e antes dela sofreram perseguição, que estiveram nas cadeias ou no exílio, perderam portanto a sua liberdade, que mesmo dentro do país foram politicamente segregados, portanto colocados em situações especiais e quero associar-me a todos os Camaradas aqui presentes na homenagem que foi rendida aos Camaradas que se sacrificaram heroicamente durante a luta de libertação nacional e que hoje não estão entre nós.

Camaradas:

Mais um passo em frente é dado na nossa vida nacional através da estruturação desta União de Escritores, continuadora das tradições literárias do período de resistência ao colonialismo, durante o qual, e apesar da repressão colonial-fascista, foi realizada uma obra que ficará para sempre registada na história revolucionária de Angola, como valiosa contribuição para a Vitória do Povo Angolano.

Camaradas:

Tenho a honra de saudar os intérpretes fiéis das nossas opções culturais e das nossas tradições, representando o baluarte espiritual da luta, e que nas trincheiras da literatura, salvaram quanto foi possível da riqueza literária do povo angolano, criando, transmitindo, interpretando.

Camaradas:

Para estabelecer as premissas capazes de permitir uma introdução breve a alguns dos nossos problemas, temos de considerar que a vida é uma sucessão e o somatório de factos contraditórios, resolúveis ou não, segundo a sua natureza.

E ela é reflectida pelo escritor de acordo com o modo como a encara. E por isso mesmo, tem importância a situação do ponto de vista social de que se visionam os fenómenos.

Para o escritor angolano, a interpretação da existência não deixa de estar submetida a esta regra e para o fazer, não pode, evidentemente, desconhecer a realidade, sobretudo os aspectos dramáticos dessa realidade, que constituem a sua contradição.

O povo e o meio ambiente, estarão sempre presentes em cada pensamento, em cada palavra ou frase escrita, como a sombra coexiste com a luz, e a folha com a raiz.

O povo e o meio ambiente foram aqui em Angola marcados pelo ferrete da escravatura e a colonização marcará por muito tempo a vida do povo angolano. O desejo, a opção, a orientação, não coincidirão sempre com a maneira de exprimir ou com o conteúdo do

que se exprime. O que existe no subconsciente dos homens ou está subjacente nas coisas, revelar-se-à. E só a acção, neste caso, revolucionária, poderá condicionar a mudança radical.

A superficialidade da observação, o preconceito ou os complexos que marcaram a existência no período colonial, estarão presentes actualmente. É natural que assim seja.

O trabalhador manual, o trabalho manual, o novo papel do homem que produz e a sua capacidade de transformar a natureza, os princípios filosóficos que condicionam estruturas sócio-económicas e que, por sua vez têm consequências filosóficas, escaparão, ainda à sensibilidade do escritor angolano. E mesmo este facto aparentemente simples da contemplação do homem preto ou do homem branco sofrerão por muito tempo da influência colonial — contraditoriamente.

Todos nós, creio, que concordamos em que o escritor se deve situar na sua época e exercer a sua função de formador de consciência, que seja agente activo de um aperfeiçoamento da humanidade.

Alguns dos nossos escritores ainda choram quando é altura de cantar, embora por vezes, o choro também seja canto e a lágrima, alegria.

Mas saber cantar é por vezes mais difícil do que saber chorar, porque o futuro quando se transforma em presente, não oferece a cada um o seu sonho.

Quero dizer que nem sempre a realidade de todos, constitui a felicidade ou a tristeza de cada um.

Se temos de nos situar por um lado no facto *independência* e por outro no facto *proletariado-cam-pesinato*, podemos perguntar-nos qual a posição do escritor diante do novo homem angolano, resultante da vitória histórica sobre um dos elementos da contradição colonial?

Porque não se pode esquecer o novo factor histórico introduzido na realidade angolana e constituído pela independência e pela Liberdade.

Nem se pode desconhecer o contexto africano em que o homem é hoje encarado de modo diferente daquele a que nos habituaram os séculos de escravismo e de colonialismo. Hoje o homem africano é um ser livre, ou a libertar-se do colonialismo e do imperialismo.

Não se pode desconhecer o contexto mundial, em que se verificaram e verificam transformações profundas e definitivas, quer no plano humano como no social e material.

Ninguém o pode esquecer, seja qual for a condição social do observador, sejam quais forem as opções políticas, seja quais forem os sentimentos.

A literatura, na Angola independente e caminhando para uma forma superior de organização social — o Socialismo — tem de, necessariamente, reflectir esta nova situação.

É já que grande parte da literatura angolana do passado produzida pelos escritores representados na União dos Escritores se revestiu de um carácter eminentemente patriótico e com preocupações sociais, hoje, para continuar, será necessário fazer que a literatura angolana se insira perfeitamente na cultura angolana e seja um reflexo desta. Daqui podemos inferir as profundas transformações sociais nas estruturas que enquadram as várias classes e etnias e raças que constituem o povo angolano.

No passado, a nossa literatura mergulhou profundamente na cultura europeia — era mesmo uma parte da literatura da Europa — cujas correntes foram seguidas e uma das suas línguas utilizada como único meio de expressão.

A nossa cultura era no passado, apenas um motivo «diferente», uma variedade folclórica, um contraste colorido para embelezar as frases e as ideias. Era

o idealismo vazio e o realismo *snob*, era a condição política que ditavam as modas literárias.

Hoje, a nossa cultura tem de ser reflectida tal como ela é, sem deformações, sendo ela própria o motivador da literatura.

Durante as lutas de libertação nacional, houve tentativas sérias de seguir o novo caminho. Mas sem resultados significativos.

Porquanto, a reconversão cultural não pode ser feita, nas nossas condições, em uma só geração. O esforço, eu estou seguro disso, será feito. Mas os seus efeitos só se farão sentir muito mais tarde, quando as condições materiais forem suficientemente determinantes de uma nova consciência.

A expressão para ser válida, tem de ser resultado da vivência e da observação.

Viver a cultura angolana, sem cairmos em esquerdismo, o que pode significar?

Viver a cultura angolana significa compreender o povo tal como ele é definido. Ser um elemento do povo. Esquecer preconceitos e ultrapassar a classe. Caricaturar a pequena-burguesia, ou descrevê-la, é tão válido como exaltar o camponês ou o operário.

Significa viver a vida do povo e, para os que têm preocupações literárias, saber retirar dos sentimentos, das aspirações e dos momentos, da História, os elementos necessários para a sua tarefa artística.

Camaradas, neste momento, já não é aceitável a ideia de fazer entrar na categoria de escritores, apenas aqueles que manejam com perfeição a língua portuguesa. A interpretação ou a descrição da vida têm de ser sim actos de artistas, mas a forma que assume não se subordina ao domínio mais ou menos perfeito da língua que hoje utilizamos.

O conceito de escritor e de membro desta União deve assim ser activamente alargado.

Allás, num quadro mais vasto da cultura e da actividade cultural, será necessário desenvolver a arte em todos os seus aspectos, recolher os elementos possíveis da nossa literatura oral e escrita. Será necessário recontar a História de Angola, de modo a fazer conhecer o longo caminho percorrido entre o passado e o presente.

Quero dizer que esta União de Escritores é chamada a desempenhar um papel importante na nossa Revolução. A personalidade cultural do povo angolano tem de revelar-se através da literatura e de outras formas de expressão.

Referi-me às línguas.

O uso exclusivo da língua portuguesa, como língua oficial, veicular e utilizável actualmente na nossa literatura, não resolve os nossos problemas.

E tanto no ensino primário como, provavelmente no médio, será preciso utilizar as nossas línguas. E dada a sua diversidade no país, mais tarde ou mais cedo, deveremos tender para a aglutinação de alguns dialectos, a fim de facilitar o contacto.

Todo o desenvolvimento do problema linguístico, naturalmente, dependerá também da extinção das barreiras regionais, da consolidação da unidade nacional, da extinção dos complexos e taras herdadas do colonialismo, e do desenvolvimento económico.

A aliança operário-camponesa, materializada num desenvolvimento dos transportes, dos meios de comunicação, do comércio, das indústrias, da colectivização agrária — contribuirão para solução da questão do uso das nossas línguas na actividade normal do homem angolano.

Porém, a União de Escritores (e particularmente o escritor angolano) não pode olvidar este problema.

E eu penso que a União dos Escritores deve, em conjunto com os organismos do Sector da Cultura, preocupar-se com a questão das nossas línguas.

Para já, e de uma maneira progressiva, deve no meu entender, fazer-se activamente, a integração na União dos Escritores dos valores literários que não se expressam em português.

Camaradas:

Neste acto de posse para um dos organismos mais valiosos da vida espiritual do nosso país, desejava exprimir a satisfação que terei em ver os debates sobre problemas concretos da cultura angolana tratados como uma das preocupações primordiais do escritor angolano.

Eu creio que este desejo será também expresso pelo 1.º Congresso do MPLA.

A LUTA CONTINUA!

A VITÓRIA É CERTA!

SOBRE A UNIÃO DOS ESCRITORES

Esta sessão solene em que se produziu a criação da União dos Escritores Angolanos, é mais um passo na nossa jovem República Popular. Mas não se trata de um acto meramente formal, nem de uma simples declaração de intenções. Trata-se de um acto de grande importância política e cultural, que representa a união de todos os escritores angolanos em torno do MPLA. Esta união é necessária para a defesa dos interesses culturais e literários do povo angolano, e para a realização de um programa de trabalho que permita a todos os escritores angolanos a possibilidade de trabalhar e de criar livremente. A União dos Escritores Angolanos é um organismo que representa a vontade de todos os escritores angolanos, e que tem como objectivo a defesa dos seus interesses e a promoção da cultura angolana. A União dos Escritores Angolanos é um organismo que representa a vontade de todos os escritores angolanos, e que tem como objectivo a defesa dos seus interesses e a promoção da cultura angolana.

PALAVRAS PROFERIDAS PELO CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO, NA SESSÃO SOLENE DA PROCLAMAÇÃO DA UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS, EM 10 DE DEZEMBRO DE 1975

Compatriotas e Camaradas,

Esta sessão solene em que se proclama a constituição da União dos Escritores Angolanos, é mais um começo na nossa jovem República Popular. Mais uma vez se vêem assim materializadas as esperanças que nós tínhamos desde o início da nossa luta numa adesão total de todas as camadas sociais, de todos os elementos válidos do povo angolano. Não é por acaso que todos os escritores de Angola estão no MPLA. Estão ou estiveram, estiveram aqueles que já não existem, aqueles que desapareceram; aqueles que estão vivos estão dentro do MPLA. Esse facto é significativo porque a literatura em Angola, e podemos estender um pouco mais dizendo a arte em Angola, esteve sempre ao serviço da Revolução. Aquilo que foi feito pelos camaradas aqui presentes, por outros que estão dispersos na sala, por outros que desapareceram, foi feito para apoiar a luta política do nosso povo pela sua Independência, para apoiar o desejo do nosso povo pela instauração duma Democracia Popular, não foi nunca a arte em Angola dedicada à reacção mesmo quando as aparências o indicavam e por isso é que eu tenho a esperança e nós todos temos, que os nomes que foram aqui indicados como potenciais associados desta união, esses nomes virão a ser confirmados dentro de muito breve tempo. Tenho ainda a esperança de ver esta União dos Escritores Angolanos funcionar, funcionar

duma maneira bastante dinâmica para que a cultura do nosso povo, a cultura do povo angolano seja conhecida do nosso próprio povo e também seja conhecida pelo mundo inteiro que deseja a todo o preço conhecer a alma deste País. Eu creio que não é demasiado nós sublinharmos, nós todos que constituímos a direcção desta revolução, sublinharmos o facto de no dia 10 de Dezembro de 1975, um mês, portanto, após a proclamação da independência nós podermos estar aqui neste cine-teatro onde o nosso povo nunca pôde estar — aqui reuniam-se os colonialistas portugueses para desfrutar momento de ócio — agora nós proclamamos aqui, ao serviço do nosso povo, uma União dos Escritores Angolanos. Isto é significativo, isto tem interesse para o futuro, nós temos sempre dito que a luta pela libertação nacional não pode desligar-se da luta pela imposição, pelo reconhecimento duma cultura peculiar do nosso povo, o nosso povo tem a sua maneira de ser, tem a sua idiossincrasia e ela é revelada em muitos factos, em muitos momentos, em muitas manifestações de arte. Vamos pretender, a partir deste momento e com esta bela iniciativa dos camaradas escritores jovens e velhos, vamos tentar organizar, para o nosso povo, uma síntese da nossa cultura e espero que esta União dos Escritores Angolanos esteja ao serviço do nosso povo, ao serviço dos operários, dos camponeses que constituem as classes mais exploradas do nosso país. Espero que os camaradas que acabaram de pronun-

ciar aqui promessas — são promessas válidas para o nosso povo, para o nosso futuro — possam realizar tudo aquilo que disseram, tanto na proclamação da constituição desta União como também na expressão dos poemas que foram aqui ditos. E temos mais a esperança de ver que a nossa cultura não ficará encerrada em Angola, visto que três poemas daqueles que aqui foram ditos, foram dedicados a autores estrangeiros, foram dedicados a autores progressistas daqueles que nós mais estimamos no mundo, e, portanto desde o seu início esta União já ultrapassa as nossas fronteiras, dentro dessa lógica cultural de fazer que todos os povos do mundo se unam tanto pela sua luta comum por condições sociais melhores, como também por uma compreensão cultural que é desejável, que o nosso Movimento deseja ver como orientação no nosso país. Esta União dos Escritores Angolanos — devo dizer aos camaradas presentes neste cine-teatro — tem o apoio do Bureau Político do MPLA, é uma União que desde a sua nascença, portanto, está orientada dentro do espírito da Independência, dentro do espírito da organização e da instituição do Poder Popular, dentro do espírito do encaminhamento do nosso País para uma Democracia Popular. E, assim, nós vamos todos trabalhar em conjunto.

Muito obrigado.

APÊNDICE

Publica-se em apêndice, o texto da «Proclamação» da União dos Escritores Angolanos, primeiro documento programático desta associação de escritores. Esta «Proclamação» foi lida em 10 de Dezembro de 1975, dia da fundação da União dos Escritores Angolanos, em Sessão Solene, na sala do cinema «Restauração», na presença do Camarada Presidente Agostinho Neto, da maioria dos escritores angolanos que subscreveram o documento, do corpo diplomático e de muitos convidados nacionais e estrangeiros.

PROCLAMAÇÃO

No momento em que o nosso povo acaba de assumir a plena responsabilidade do seu futuro como nação livre e soberana, os escritores angolanos permanecem na vanguarda, face às grandes tarefas de libertação e reconstrução nacionais.

A história da nossa literatura é testemunha de gerações de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo da nossa libertação exprimindo os anseios profundos do nosso povo, particularmente os das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana escrita surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano.

A etapa da luta directa contra o colonialismo foi vencida. Os escritores angolanos, desde a 1.ª hora e sob todas as formas, a essa luta entregaram suas armas e suas vidas e alguns tombaram para sempre no campo de honra do solo pátrio.

Hoje que o nosso povo trava nova batalha neste combate de séculos pela nossa afirmação como nação livre em África e no Mundo, mais uma vez, como é seu dever e tradição, os escritores angolanos estão presentes no seio desta resistência popular consolidando o combate na frente cultural.

Com plena consciência de que essas responsabilidades só podem ser eficazmente assumidas de uma forma colectiva e organizada, os escritores angolanos reafirmam:

- 1.º — A necessidade e urgência de defender a dignidade e a especificidade cultural do homem angolano, em especial salvaguardar as suas tradições culturais historicamente perspectivadas e garantidas por séculos de resistência popular, e as conquistas culturais obtidas ao longo da luta pela independência nacional;
- 2.º — A necessidade e urgência de activar, a partir dessas tradições e conquistas, o inventário cultural do país no contexto particular do renascimento cultural africano como contribuição original para um mundo verdadeiramente livre;
- 3.º — A necessidade e urgência de os escritores se organizarem colectivamente para prosseguirem nesta longa luta do nosso povo para a conquista de um futuro digno, liberto de todas as formas de alienação, exploração e dependência, numa sociedade democrática e progressista.

Considerando que estes objectivos deverão ser atingidos no âmbito de uma associação integrada

no esforço organizativo de todas as camadas do nosso povo, os escritores angolanos abaixo assinados,

Rendendo homenagem a todos os escritores tomados na luta pela independência nacional e saudando com orgulho o Povo Angolano de que são parte,

Proclamam a sua constituição em UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS.

Feita em Luanda, capital da República Popular de Angola, aos 10 de Dezembro de 1975.

de caráter econômico, social e cultural, visando à melhoria da qualidade de vida da população e à promoção do desenvolvimento sustentável. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o impacto das políticas públicas de desenvolvimento econômico e social no Brasil, com ênfase na região Nordeste. Para isso, foram coletados dados secundários de fontes confiáveis, como o IBGE e o Banco Mundial, e analisados por meio de técnicas estatísticas descritivas e inferenciais. Os resultados mostram que, apesar dos avanços alcançados em algumas áreas, ainda persistem sérios problemas de desigualdade social e econômica, especialmente no que diz respeito à distribuição de renda e ao acesso a serviços básicos de saúde e educação. Conclui-se que é necessário implementar políticas mais eficazes e integradas, que promovam o crescimento econômico de forma inclusiva e sustentável, garantindo a melhoria da qualidade de vida para todos os brasileiros.

Considerando os dados estatísticos apresentados, conclui-se que as políticas de desenvolvimento econômico e social no Brasil ainda precisam ser aprimoradas para garantir a melhoria da qualidade de vida da população e a promoção do desenvolvimento sustentável.

Execução Gráfica:
ENDIPU/UEE, PARA O INSTITUTO NACIONAL
DO LIVRO E DO DISCO.



INALD

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO E DO DISCO

LUANDA R.P.A.

0370

~~BA-01~~
BA-01